

Uma análise do alteamento pretônico à luz das categorias propostas por Labov

Eliete Figueira Batista da Silveira¹
elietesilveira@hotmail.com

Anna Carolina da Costa Avelheda Bandeira²
carolavelheda@hotmail.com

Silvia Carolina Gomes de Souza Guerreiro³
silviacarolinasouza@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

RESUMO

O artigo revê a classificação dos fenômenos linguísticos proposta por Labov (2001a [1994]). Toma como objeto de análise o alteamento de vogal pretônica em dados da fala carioca. Este fenômeno é tradicionalmente identificado como um indicador. A pesquisa alia o resultado da consideração das variáveis sociais da Sociolinguística Variacionista à metodologia dos estudos de Crenças e Atitudes. O objetivo é discutir os problemas dos fatores condicionantes e da avaliação subjetiva. Os resultados indicam que o fenômeno transita entre as categorias de indicador, marcador e estereótipo.

PALAVRAS-CHAVE

Vocalismo Átono. Fatores Condicionantes. Avaliação Subjetiva. Categorias Linguísticas.

ABSTRACT

The article reviews the classification of linguistic phenomena proposed by Labov (2001). It uses as an object of analysis the unstressed vowel elevation in carioca speech data. This phenomenon is traditionally identified as an indicator. The research combines the results of the social variables of Sociolinguistics Variationism with the methodology of the Beliefs and Attitudes studies. The objective is to discuss the problems of conditioning factors and subjective evaluation. The results indicate that the phenomenon moves between the categories of indicator, marker and stereotype.

¹ Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Doutora em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Doutoranda em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

KEYWORDS

Unstressed Vocalism. Conditioning Factors. Subjective Evaluation. Linguistic Categories.

1. Introdução

O presente trabalho discute a classificação de Labov (2001: 196) para a avaliação social de uma mudança linguística, tendo como objeto de análise o alteamento pretônico na língua portuguesa do Brasil. Tal fenômeno se caracteriza pela passagem das vogais médias anterior ou posterior /e o/ às suas variantes altas [i u], processo pandialetal no português brasileiro. O alteamento pretônico pode ocorrer com ou sem motivação fonológica aparente e em diferentes estruturas silábicas: *perigoso*, *peruca*, *pequeno*, *serviço*, *testemunho*, *deslocamento*, *comida*, *coruja*, *costume*, *cortina*, *conselho*.

Segundo Labov (2001: 196)⁴, o fenômeno linguístico variável pode ser classificado como *indicador*, *marcador* ou *estereótipo*. Os *indicadores* são “estratificados por faixa etária, região e classe social”, exibindo “grau zero de consciência social” e sendo “difíceis de serem detectados tanto por linguistas quanto por leigos”. Os *marcadores*, por sua vez, “adquirem reconhecimento social, normalmente em forma de estigma, o que se reflete em forte estratificação social, numa íngreme curva de alternância estilística e em respostas negativas em testes de reações subjetivas”. Os *estereótipos*, por fim, “tornam-se tópico de comentários abertos, com um rótulo descritivo que pode ser tão distinto da produção fatural que os falantes não percebem que eles mesmos empregam a forma”.

De acordo com a literatura sobre o tema, o alteamento da vogal média pretônica é considerado um *indicador*, uma vez que, em estudos sociolinguísticos que visam a compreender os fatores condicionantes envolvidos na aplicação do fenômeno⁵, se demonstra estratificação por *faixa etária* e por *classe social*. Segundo Callou & Leite (1999), o alteamento pretônico na fala carioca é fenômeno variável que se manifesta tanto entre escolarizados quanto não escolarizados, não apresentando estigma. Essa afirmação também é compartilhada por Bisol (1981:30), uma vez que seus estudos sobre a fala do

⁴A definição dos conceitos de *indicador*, *marcador* e *estereótipo* foi traduzida livremente de Labov (2001: 196).

⁵Esse tipo de investigação é chamado de Estudos de Primeira Onda da Sociolinguística. Sobre isso, ler Eckert (2012).

Sul indicam que o alteamento se espalhou sem estigmatização social.

No entanto, essa perspectiva não é a mesma em outros autores. Em estudo sobre a fala de Belo Horizonte, Viegas (1987) afirma que o uso das variantes alteadas [i u] no lugar de [e o] estigmatiza socialmente o falante, o que comprova ao mencionar uma cena de novela em que a personagem principal avalia negativamente a empregada doméstica que pronuncia *intistino* por *intestino*, *acadimia* por *academia*.

Estudos mais recentes sobre o alteamento, Souza (2017), Avelheda, Batista da Silveira e Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019), conjugaram a análise de fatores condicionantes a uma abordagem da avaliação subjetiva dos falantes, demonstrando que não é possível enquadrar o alteamento em apenas uma dessas categorias, uma vez que, concomitantemente, apresenta características de *indicador* e de *marcador*: *indicador*, porque se encontra abaixo do nível de consciência do informante e se estratifica de acordo com a idade, com a classe social e com a região; *marcador*, porque, embora se diga que o fenômeno esteja abaixo do nível da consciência, os usuários da língua portuguesa são capazes de identificá-lo e de promover uma alternância estilística entre a forma alteada, reservada para contextos de maior formalidade, e a forma não alteada, reservada para contextos de informalidade. Em pesquisa acerca dos casos de especialização semântica e alteamento das vogais pretônicas⁶, o uso da variante alteada está associado:

à valoração que os informantes atribuem aos significados desses itens, de modo que os sentidos socialmente mais valorizados tendem a se expressar pela variante médio-alta (o país chama-se *Peru* e a média pretônica jamais é alteada, assim como não há alteamento para referir-se ao *Senhor Deus* e ao *Concerto* de música clássica), enquanto os significados menos valorizados socialmente tendem a se expressar pela variante alteada (*fogão* – aparelho doméstico; *segurança* – Secretaria do Estado) (Avelheda, Batista da Silveira e Souza, 2017: 302).

⁶ A especialização semântica consiste em se atribuir significados distintos a palavras com e sem o alteamento pretônico, por exemplo, *fogão* (*fogo alto*) versus [f]u[gão] (*eletrodoméstico*); sentido (*direção*) versus [i]ntido (*magoado*). Sobre o tema, ler Avelheda, Batista da Silveira e Souza (2017), disponível em: <[www.http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24929/16334](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24929/16334)>.

Além disso, Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019) identificaram avaliações negativas relevantes nos testes de reação subjetiva, sendo o indivíduo que produziu o alteamento pretônico avaliado como: detentor de má condição financeira, funcionário subalterno, vítima de preconceito sociolinguístico, atrasado e ignorante. Portanto, propõe-se a existência de um contínuo entre as categorias, no qual o alteamento ora atuaria como *indicador*, ora atuaria como *marcador*, podendo inclusive ser um *estereótipo*, a depender de diversos fatores considerados nos testes realizados.

2 Pressupostos Teóricos

O presente trabalho fundamenta-se na Teoria Sociolinguística de orientação laboviana (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]), que prevê a existência de “variação contínua dentro de cada dialeto como um elemento estrutural, correlacionado com algum outro fator linguístico ou extralinguístico”. Compreendida como propriedade inerente aos sistemas linguísticos, a variação constitui “meios alternativos de se dizer a mesma coisa” (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]: 97). No entanto, sabe-se que “os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente têm o mesmo significado”, havendo uma “forte tendência a atribuir diferentes significados a elas” (Labov, 2008 [1972]: 290), de modo que “a escolha entre as alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas” (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]: 97).

A partir desse aparente paradoxo da Sociolinguística Variacionista, chega-se a dois problemas⁷ para uma teoria da mudança linguística, a saber, o problema dos fatores condicionantes e o problema da avaliação. O primeiro visa a identificar “as condições possíveis para mudanças que podem ocorrer em uma estrutura de determinado tipo” (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]: 36), ou seja, determinar “o conjunto de mudanças possíveis e de condições possíveis para a mudança” (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]: 121). O segundo se propõe a compreender “como

⁷ Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]: 121-125) expõem cinco problemas a serem investigados numa teoria da mudança linguística. São eles: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento na estrutura linguística ou na estrutura social, a avaliação e a implementação da mudança.

as mudanças observadas podem ser *avaliadas* – em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa (tal como relacionada, por exemplo, com a carga funcional) e sobre o amplo espectro de fatores não representacionais envolvidos no falar” (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]: 36), ou seja, “encontrar os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) que foram observadas” (Labov, 2008 [1972]: 193).

Segundo Avelheda (2013: 62), é importante compreender que o problema da avaliação se relaciona “ao nível de consciência social que os falantes apresentam em torno de determinadas variáveis linguísticas”. E, nesse sentido, para tratar dos fenômenos linguísticos, Labov (2001: 196) estipulou três categorias de análise: (a) *indicadores*, (b) *marcadores* e (c) *estereótipos*.

São *indicadores* fenômenos que “parecem ter pouca força avaliativa”, se encontram abaixo do nível de consciência do informante, são “estratificados por faixa etária, região e classe social” e são “difíceis de serem detectados”. Entende-se, então, que as variantes em concorrência não são alvo de comentários pelos falantes ou sequer são percebidas, podendo ser diferenciadas segundo se disseminam pelos grupos sociais que as iniciaram. Em outras palavras, as variantes podem ganhar força de uso em seus respectivos grupos sociais e neles não são percebidas pelos indivíduos. Sua percepção seria possível pelo estudo comparativo das variantes entre os grupos sociais (Cf. Labov, 2001 [1994], p. 196).

Em se tratando de *marcadores*, as variantes “adquirem reconhecimento social, normalmente em forma de estigma, o que se reflete em forte estratificação social, em uma íngreme curva de alternância estilística e em respostas negativas a testes de reações subjetivas” (Cf. Labov, 2001 [1994], p. 196). Nesse caso, as variantes em concorrência não são alvo do mesmo nível de consciência social, ou seja, os ouvintes não percebem claramente a alternância das variantes, mas, ainda assim, estratificam estilística e socialmente o falante.

Por fim, os *estereótipos* são formas “socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade”, que “se tornam tópico de comentários abertos, com um rótulo descritivo que pode ser tão distinto da produção factual que os falantes não percebem que eles mesmos empregam a forma” (Cf. Labov, 2001 [1994], p. 196). Em outras palavras, uma das variantes

em concorrência é alvo de comentário social, sendo passível de correção, inclusive em âmbito escolar; por vezes, a palavra realizada com a variante pretônica é alvo de hipercorreção pelos falantes, como acontece em *previlégio* por *privilégio* ou *melícia/meliciano* por *milícia/miliciano*.

A abordagem do problema dos fatores condicionantes é bastante recorrente no âmbito da teoria sociolinguística, caracterizando-se pela determinação de aspectos linguísticos e/ou extralinguísticos que podem atuar na determinação da ocorrência do fenômeno em análise, mas o estudo do problema da avaliação acaba relegado, “em virtude da dificuldade em se auferir a avaliação subjetiva dos usuários da língua frente a algum fenômeno variável” (Avelheda Bandeira, 2019: 104).

Ao levantar o problema da avaliação subjetiva como importante fator na variação e mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]: 102-103) mencionam as investigações das atitudes sociais dos usuários de uma língua, citando, entre outros, os estudos de Lambert⁸ (Lambert, 1960; Lambert *et al.*, 1967). Os autores indicam, portanto, a necessidade de novas metodologias aliadas aos estudos sociolinguísticos para a compreensão do fenômeno linguístico.

Nessa linha de raciocínio, Botassini (2012: 358) incorpora a metodologia da Psicologia Social em seus estudos sobre crenças e atitudes. A autora afirma que Lambert (1972: 80) defende que “a linguagem falada é um traço identificador de um grupo [...] e qualquer atitude a respeito de membros de um grupo particular pode ser generalizada para a linguagem que eles usam”, sendo, por isso, precursor do surgimento dos estudos de atitudes linguísticas e responsável pela “preocupação com os aspectos social, ideológico e cultural da linguagem” (Botassini, 2012: 357).

Botassini (2012: 358) explicita que as “crenças podem estar integradas por elementos cognitivos ou afetivos”, enquanto as “atitudes estão dominadas apenas pelo traço comportamental”, podendo “ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rejeição”. As atitudes, então, caracterizam-se como “estados mentais de predisposição que, a partir de estímulos, geram certas formas de comportamento como resposta e que

⁸ Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) indicam os trabalhos ligados à Psicologia Social de Lambert e colegas (1960, 1967), que evidenciam a correlação subjetiva entre variação linguística e status social, como uma técnica que pode ser aliada aos estudos sobre variação e mudança.

não podem ser observados diretamente, mas têm de ser inferidos a partir de introspecção” (Machado Vieira & Esteves, 2009: 38).

Além disso, nas atitudes estão integrados “três componentes – o *cognitivo*, o *afetivo* e o *comportamental*” (Botassini, 2012: 57). O *cognitivo* caracteriza-se por pensamentos, crenças e conhecimentos; o *afetivo*, por emoções e por sentimentos; o *comportamental*, por fim, por conduta, reação e tendência de reação. Nessa concepção, para que seja possível mensurar atitudes linguísticas dos usuários de uma língua, utilizam-se instrumentos que são convencionalmente chamados de “testes de atitudes linguísticas”, os quais constituem situações experimentais que permitem o estudo da “percepção e/ou avaliação subjetiva, por parte do usuário da língua, de variantes e de seus espaços sociolinguísticos de ocorrência” (Machado Vieira & Esteves, 2009: 238).

Para reavaliar as categorias propostas por Labov (2001: 196), o alteamento vocálico será analisado a partir dos testes de *reação subjetiva* e de *antecedentes familiares*, cujos aspectos metodológicos são apresentados no próximo ponto.

3 Aspectos Metodológicos

Os trabalhos de Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019) conjugam a análise dos fatores condicionantes do alteamento pretônico à investigação da avaliação subjetiva dos respondentes acerca do fenómeno, esta realizada por meio dos mesmos tipos de coletas de dados (questionários e testes). Para o presente artigo, o foco será mais especificamente nos correlatos subjetivos da alternância, ou seja, em que medida o uso de uma ou outra variante implica um julgamento positivo ou negativo do falante. Por esse motivo, serão especificados apenas os aspectos metodológicos relacionados ao estudo da avaliação subjetiva. Cumpre observar, no entanto, que os fatores condicionantes sociais e seus resultados serão apresentados no item de análise, uma vez que serão comparados e/ou relacionados aos resultados dos testes de atitude.

Em sua pesquisa, Souza (2017) entrevistou presencialmente 20 informantes (10 homens e 10 mulheres), todos residentes na cidade do Rio de Janeiro e detentores de ensino superior completo. Com o propósito de observar a avaliação subjetiva dos julgadores, foram aplicados, presencial e individualmente, um *questionário fechado* e um teste de *reação subjetiva*. No questionário fechado, foram elaboradas dezoito perguntas referentes às vogais pretônicas com base em duplas de áudios. Em todas as duplas, o primeiro áudio trazia a variante média fechada [e] ou [o], enquanto o segundo áudio trazia a variante alta [i] ou [u]. Todos os áudios compunham-se de trechos lidos pela mesma pessoa, uma usuária de língua portuguesa do sexo feminino e com grau superior de escolaridade.

Esse tipo de teste serviu para analisar se o respondente: i) percebeu/notou o fenômeno variável; ii) atribuiu grau de escolaridade ao falante, a depender da variante ouvida; iii) associou o uso de uma das variantes a uma região específica do país; iv) relacionou o uso de uma das variantes a determinada situação comunicativa.

No teste de *reação subjetiva*, os avaliadores ouviram um áudio com as pretônicas alteadas, gravado pela mesma usuária (sexo feminino, grau superior de escolaridade), e responderam a 27 frases (algumas de teor positivo, outras de teor negativo). Nessa etapa, estes deveriam assinalar, em uma escala de 1 a 5, o grau de concordância com as declarações apresentadas: 1 representa o polo da discordância, e 5, o da concordância. Com isso, pretendeu-se que o respondente avaliasse as características do falante quanto a sua competência (*inteligência*), integridade pessoal (*honestidade*) e atratividade social (*confiabilidade*), em consonância com Labov (2008 [1972]) e Botassini (2013).

Na pesquisa empreendida por Avelheda Bandeira (2019) propôs-se igualmente um questionário fechado baseado no modelo dos testes de *antecedentes familiares* (Labov, 2008 [1972]: 248), visando a avaliar o grau de escolaridade, a profissão, a idade, a nacionalidade e a naturalidade do falante do áudio⁹, e um teste de *reação subjetiva*. Este estudo se

⁹ Para este artigo, serão utilizados apenas os testes de antecedentes familiares relativos ao grau de escolaridade e à naturalidade (origem) do falante do áudio.

diferencia do de Souza (2017) por aplicar o teste virtualmente¹⁰, o que implicou um maior número de respondentes, não sendo estes os mesmos do teste de reação subjetiva. Outro aspecto diferenciador consiste no fato de os áudios terem sido gravados por homens e mulheres.

Para o *questionário fechado*, Avelheda Bandeira (2019) formulou dezesseis perguntas referentes às vogais pretônicas, com base em duplas de áudios de homens e mulheres. Em todas as duplas, o primeiro áudio apresentava a variante média fechada, enquanto o segundo, a alta. No teste de *reação subjetiva*, foi apresentado ao respondente um áudio com as pretônicas alteadas, seguido de 25 frases (algumas de teor positivo, outras de teor negativo), com as quais os respondentes deveriam declarar concordância, segundo a gradação apresentada.

Abaixo, exemplos ilustrativos dos testes¹¹ retirados de ambas as pesquisas:

(1) Questionário fechado – avaliação relativa ao grau de consciência do respondente sobre o alteamento:

Áudio 1: A acad/e/mia Corpore faz uma grande pr/o/m/o/ção nesta s/e/gunda-feira. Quem se matricular até dia d/e/zoito de n/o/vembro ganha uma roupa de t/e/cido belíssimo.

Áudio 2: A acad/i/mia Corpore faz uma grande pr/u/m/u/ção nesta s/i/gunda-feira. Quem se matricular até dia d/i/zoito de n/u/vembro ganha uma roupa de t/i/cido belíssimo.

Pergunta 5: Para você, os áudios 1 e 2 são iguais ou diferentes? Se são diferentes, em quê?

(Fonte: Souza, 2017, p. 179)

¹⁰ Os testes realizados no trabalho de Avelheda Bandeira (2019) foram realizados por meio do formulário Google (<https://gsuite.google.com/>).

¹¹ Os exemplos dos testes estão apresentados na ordem da análise empreendida para este artigo. Para acessar todos os testes realizados nos estudos de Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019), consulte: <<http://www.posvernaculas.letas.ufrj.br/pt/>>, abas *mestrado* e *doutorado*.

(2) Questionário fechado – avaliação relativa ao grau de escolaridade do falante.

Áudio 1: *Hoje foi um dia muito cansativo. Acordei cedo fui para o meu /e/mprego. Trabalhei até as d/e/zessete horas. Antes de ir para casa, passei no mercado e comprei t/o/mate, p/e/pino, m/o/rango, /e/spinafre, m/o/starda, g/e/ngibre entre outras coisas. Quando cheguei a casa, preparei a c/o/mida, brinquei com a minha filha de b/o/neca e depois a fiz dormir. Estou /e/xausta!*

Áudio 2: *Hoje foi um dia muito cansativo. Acordei cedo fui para o meu /i/mprego. Trabalhei até as dizessete horas. Antes de ir para casa passei no m/e/rcado e comprei t/u/mate, p/i/pino, m/u/rango, m/u/starda, /i/spinafre, m/u/starda, g/i/ngibre entre outras coisas. Quando cheguei a casa, preparei a c/u/mida, brinquei com a minha filha de b/u/neca e depois a fiz dormir. Estou /i/xausta.*

Pergunta 12: Se você tivesse que atribuir um grau de escolaridade à pessoa que produziu o primeiro áudio, você diria que ela cursou: 1º ao 5º ano (antigo primário ou ensino fundamental I) / 6º ao 9º ano (ensino fundamental II) / ensino médio / ensino superior.

Pergunta 13: Se você tivesse que atribuir um grau de escolaridade à pessoa que produziu o segundo áudio, você diria que ela cursou: 1º ao 5º ano (antigo primário ou ensino fundamental I) / 6º ao 9º ano (ensino fundamental II) / ensino médio / ensino superior.

A seguir, você ouvirá dois áudios. Após ouvi-los, você responderá algumas perguntas:

Áudio 1: Hoje em dia, não se tem mais r[e]speito pelos idosos. Estava andando de bicicleta na praça perto aqui de casa e, de repente, me d[e]parei com uma discussão entre um jovem e um idoso, que d[e]pois soube que eram avô e neto. O rapaz dizia que o avô era um velho r[e]tardado, que não pr[e]stava para mais nada. O avô, muito paciente, dizia ao neto que o seu d[e]sejo era de que, quando ele ch[e]gasse à sua idade, fosse r[e]speitado mais do que ele vem sendo.

Áudio 2: Hoje em dia, não se tem mais r[i]speito pelos idosos. Estava andando de bicicleta na praça perto aqui de casa e, de repente, me d[i]parei com uma discussão entre um jovem e um idoso, que d[i]pois soube que eram avô e neto. O rapaz dizia que o avô era um velho r[i]tardado, que não pr[i]stava para mais nada. O avô, muito paciente, dizia ao neto que o seu d[i]sejo era de que, quando ele ch[i]gasse à sua idade, fosse r[i]speitado mais do que ele vem sendo.

(Fonte: Souza, 2017: 189)

(3) Questionário fechado – avaliação relativa à naturalidade do falante.

Em todo o mundo, há nove países que têm a Língua Portuguesa como Língua Oficial. Se você tivesse de indicar a nacionalidade das pessoas que ouviu:

a) Qual seria a nacionalidade do falante do <u>primeiro áudio</u> ?	b) Qual seria a nacionalidade do falante do <u>segundo áudio</u> ?
<input type="checkbox"/> Angolana.	<input type="checkbox"/> Angolana.
<input type="checkbox"/> Brasileira.	<input type="checkbox"/> Brasileira.
<input type="checkbox"/> Portuguesa.	<input type="checkbox"/> Portuguesa.
<input type="checkbox"/> Moçambicana.	<input type="checkbox"/> Moçambicana.

Se você acha que o falante do primeiro áudio tem nacionalidade brasileira, em que região você acredita que ele nasceu?

- Sul.
- Norte.
- Sudeste.
- Nordeste.
- Centro-Oeste.

Se você acha que o falante do segundo áudio tem nacionalidade brasileira, em que região você acredita que ele nasceu?

- Sul.
- Norte.
- Sudeste.
- Nordeste.
- Centro-Oeste.

(Fonte: Avelheda Bandeira, 2019: 274-275)

(4) Questionário fechado – avaliação relativa ao uso das variantes em duas diferentes situações comunicativas (grau de monitoramento/variação estilística) dos falantes.

A seguir, há dois áudios. Após ouvi-los, você deverá responder a algumas perguntas:

Áudio 1: Fui ac[o]mpanhar um amigo de trabalho em uma viagem de navio nas férias. Soubemos do preço baixo em uma pr[o]paganda e c[o]mparamos as passagens. Quando entramos no navio, o c[o]mandante sugere que todos os passageiros c[o]loquem o c[o]lete salva-vidas e que fiquem al[o]jados em suas cabines até que o navio esteja em alto-mar. Nós, que já temos medo de navio e mar, estamos apav[o]rados.

Áudio 2: Fui ac[u]mpanhar um amigo de trabalho em uma viagem de navio nas férias. Soubemos do preço baixo em uma pr[u]paganda e c[u]mparamos as passagens. Quando entramos no navio, o c[u]mandante sugere que todos os passageiros c[u]loquem o c[u]lete salva-vidas e que fiquem al[u]jados em suas cabines até que o navio esteja em alto-mar. Nós, que já temos medo de navio e mar, estamos apav[u]rados.

(Fonte: Avelheda Bandeira, 2019: 275-276)

(5) Teste de reação subjetiva – avaliação da competência, integridade pessoal e atratividade social.

A partir dos áudios que ouvirá, o que você pode imaginar sobre quem os falou? Marque a opção de resposta mais próxima do que for possível supor, sendo o grau 5, a máxima concordância e grau 1, a máxima discordância com a afirmação¹².

¹² Os respondentes ouvem duas versões do texto: uma versão não alteada e outra, alteada.

Quanto mais alta a numeração, maior sua concordância com a suposição abaixo.	1	2	3	4	5
Esta pessoa se orgulha de sua maneira de falar.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa é inteligente.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa sente vergonha de falar assim.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa fala corretamente.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa tem nível superior.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa possui boa condição financeira.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa seria uma boa namorada.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa é respeitosa.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa é feia.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa é criativa.	<input type="radio"/>				
Esta pessoa é grosseira.	<input type="radio"/>				

(Fonte: Souza, 2017: 246)

Com base na metodologia acima exposta e nos pressupostos teórico-metodológicos apresentados, seguem-se os resultados da pesquisa.

4 Resultados

Em primeiro lugar, apresenta-se uma síntese dos resultados relativos às variáveis sociais das análises probabilísticas dos trabalhos de Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019), os quais servirão de parâmetro para a discussão aqui proposta¹³. Em seguida, por se assemelharem bastante em termos da metodologia adotada, os resultados referentes à avaliação subjetiva serão apresentados em conjunto.

¹³ Cabe lembrar que a categorização de um fenômeno variável como indicador, marcador e estereótipo (Labov, 2001 [1994]) costuma ser avaliado pelas variáveis sociais. Este artigo analisa o status subjetivo do alteamento pretônico por meio de testes de atitude, comparando os resultados aos encontrados nas análises estatístico-probabilísticas de Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019) sintetizadas neste item.

4.1 Fatores condicionantes: variáveis sociais

As variáveis sociais *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade* selecionadas pelo programa estatístico-probabilístico permitem estabelecer algumas ilações acerca do fenômeno variável. Todavia, cumpre esclarecer que tais condicionamentos não foram relevantes para todos os contextos silábicos analisados (sílabas livres, com vogal no núcleo da sílaba e sem margem preenchida: *cemitério*, *botequim*; sílabas travadas, com a margem silábica preenchida por consoante: *esquina*, *escondido*, *serviço*).

Por meio da *faixa etária*, é possível uma análise em *tempo aparente*. Parte-se do pressuposto de que a estabilidade linguística do falante é alcançada no entorno dos quinze anos de idade e, nesse estágio, as regras gerais de funcionamento da língua da comunidade de fala a que o indivíduo pertence já foram estabelecidas (Chambers, Trudgill, 1981; Labov, 1981; Labov, 2001b [1994]). Assim, a fala de uma pessoa de 25 anos de idade corresponderia ao registro de uma norma de uso de 10 anos atrás. Já um falante de 45 anos teria em sua modalidade oral a projeção de uma norma de 30 anos passados. Trata-se, nas palavras de Labov (1981: 181), de uma *inferência* do pesquisador acerca da mudança linguística, uma tentativa de apreender a variação e/ou mudança em curso na língua.

Dessa feita, uma variante é considerada inovadora, se está presente na fala dos mais jovens. Nesse caso, uma das variantes do fenômeno variável estaria em progresso, considerando-se que os indivíduos mudam de faixa etária e levam adiante aquela norma de uso¹⁴. De outro modo, uma variante é conservadora, se é frequente entre os mais velhos e, nesse sentido, a tendência é o desuso dessa forma. Por último, um fenômeno pode estar em variação estável, o que se revela pelo uso mais frequente de uma das variantes ou na faixa etária intermediária ou nas duas faixas extremas,

¹⁴ O estudo da mudança em tempo aparente está baseado na Psicologia Desenvolvimentista (Labov, 2001 [1994]) e na hipótese das diferenças linguísticas entre as gerações. O objetivo é captar estágios da língua diversos por meio da observação de dados de falantes de faixas etárias distintas. Trata-se, na verdade, de uma estratégia metodológica para observar a variação e/ou mudança de um fenômeno linguístico em curso. É importante destacar que a norma da comunidade adquirida no entorno da puberdade é denominada *vernáculo* (ou norma vernacular) e está sujeita a mudanças, a partir de diferentes fatores como escolaridade, ingresso no mercado de trabalho; por isso, como indica Labov (2001a [1994]), sua análise deve ser cuidadosa e seus resultados validados por estudo em tempo real, por exemplo. Na metodologia da Sociolinguística, intenta-se que a coleta de dados seja espontânea, de modo a fazer emergir essa norma vernacular que espelha a norma da comunidade do falante. Além disso, a análise Sociolinguística controla outras variáveis, como classe social e sexo, de maneira que os falantes tenham todos as mesmas características sociais.

formando uma parábola. Nesse caso, a variação pode se manter ao longo do tempo, sem a predominância de uma variante sobre as demais.

Por meio da variável *sexo*, observa-se se um fenômeno linguístico é levado adiante por homens e/ou mulheres. Embora inicialmente muitos estudos revelassem que as mulheres tendem a propagar fenômenos inovadores não estigmatizados, é preciso destacar que os resultados relativos a essa variável não são muito claros, sendo necessário considerar as dinâmicas sociais, o papel da mulher naquela sociedade, a fim de tecer considerações mais fundamentadas sobre o *status* das variantes linguísticas em foco, bem como ao papel da variável *sexo* na variação e mudança linguísticas (Labov, 1981: 185).

Parece evidente a importância da variável *escolaridade* nos estudos sociolinguísticos. Esta consiste em observar o papel da intervenção escolar nas normas de uso de uma comunidade, levando-se em conta as normas de prestígio circundantes na sociedade. Em se tratando de um fenômeno fonológico, em princípio, o alteamento pretônico está abaixo do nível de consciência do falante. E, em função disso, para avaliar o *status* social das formas alternantes de um fenômeno linguístico com base em fatores condicionantes, é necessária uma análise conjunta dessas variáveis sociais. Ainda assim, os resultados gerais mascaram a avaliação subjetiva do uso dessas variantes, motivo pelo qual se buscaram outros experimentos que permitissem: i) observar o julgamento da produção linguística do falante e ii) correlacionar seus resultados aos da análise dos fatores condicionantes.

Apresentadas as hipóteses que norteiam as variáveis sociais, passa-se aos resultados da análise dessas variáveis encontrados por Souza (2017), cujo *corpus* se constitui por dezoito entrevistas de falantes cultos na cidade do Rio de Janeiro: seis da década de 1970, seis da década de 1990 e seis da década de 2010¹⁵, distribuídos por sexo (1 homem e 1 mulher) e três faixas etárias (1ª. faixa: 25 a 35 anos; 2ª. faixa: 36 a 55 anos, e 3ª. faixa: 56 anos em diante). Cumpre observar que: i) os resultados probabilísticos foram

¹⁵ O corpus constituído pertence a dois projetos linguísticos distintos: Norma Linguística Urbana Culta – RJ - décadas de 1970 e 1990 (www.letas.ufrj.br/nurc-rj) e Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedade Africanas, Brasileiras e Europeias – década de 2010 (www.concordancia.letas.ufrj.br/). No corpus NURC/RJ, os falantes residem na cidade do Rio de Janeiro e possuem escolaridade superior. No corpus Concordância, os falantes residem em Copacabana - zona Sul do Rio de Janeiro, e Nova Iguaçu - zona metropolitana do Rio de Janeiro.

extraídos por meio do Programa Rbrul¹⁶, e ii) os estudos de Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019) analisaram separadamente a vogal pretônica anterior /e/ e a posterior /o/, iii) as pretônicas anterior e posterior foram analisadas, segundo o tipo silábico em que figuravam (sílabas livres, travadas por nasal e por sibilante)¹⁷.

Quadro 01- Variáveis sociais – vogal anterior.

Variáveis sociais	Sílabas livres		Sílabas travadas por nasal		Sílabas travadas por sibilante	
	Oco/Total	%	Oco/Total	%	Oco/Total	%
	239/1861	12,84	128/274	46,71	349/466	74,89
Faixa etária	+ 56 anos (P.R. ¹ : 0.58)		-		-	
Sexo	Mulher (P.R.: 0.54)		-		Mulher (P.R.: 0.64)	

(Souza, 2017)

Em se tratando da vogal pretônica /e/, resultados probabilísticos das variáveis sociais acima evidenciam que:

i) a *faixa etária* foi relevante apenas para o contexto de sílabas livres (ex.: p[i]queno, [i]norme, c[i]mitério), sendo o alteamento favorecido por falantes de idade mais elevada (0.58). Isso significa que se trata de um fenômeno conservador na fala carioca e, portanto, tendendo ao desuso entre os mais jovens;

ii) as mulheres favorecem o alçamento da vogal de [e] para [i], tanto em sílabas livres (ex.: p[i]queno, [i]norme, c[i]mitério) quanto em sílabas travadas por sibilante ([i]stofado, [i]scravo, [i]scrivaninha), e

iii) o contexto de pretônica anterior travada por nasal não favorece o alteamento pretônico. Parece que o alteamento nesse contexto silábico

¹⁶Segundo Oushiro (2016), “o programa R-brul é um pacote de funções para o programa R, gratuito, que permite realizar análises da regra variável, a partir de modelos de regressão logística e de regressão linear (para variáveis categóricas e contínuas), com efeitos fixos e efeitos aleatórios, usados somente por sociolinguistas.

¹⁷ Não foi possível analisar probabilisticamente os dados de vogal pretônica anterior e posterior travada por rótico, tendo em vista que apresenta comportamento categórico de manutenção da realização médio-alta [e] e [o].

está relacionado ao item lexical ([i]mpregada, [i]mpada), sendo contexto de resistência ao fenômeno ([e]ntrada, [e]ntrega). Em outras palavras, no português brasileiro, o alteamento parece ser influenciado pelo processo de difusão lexical¹⁸, visto que algumas palavras são afetadas pelo alçamento, enquanto outras, não, mesmo com condicionamento fonológico idêntico (t[o]mate varia com t[u]mate, mas t[o]mada não varia com *t[u]mada, por exemplo).

Quadro 02- Variáveis sociais – vogal posterior.

Variáveis Sociais	Sílabas livres =		Sílabas travadas por nasal =		Sílabas travadas por sibilante =	
	Oco/Total	%	Oco/Total	%	Oco/Total	%
	224/1128	19,85	50/236	21,18	14/42	33,3
Faixa etária	-		25-35 anos (P.R.: 0.66)		25-35 anos (P.R.: 0.68) + 56 anos (P.R.:0.69)	

(Fonte: Souza, 2017)

Para a análise da sílaba pretônica com vogal posterior /o/, os resultados indicam que a *faixa etária* do informante se mostrou um forte condicionador do alteamento, sendo que:

i) os mais jovens (25 a 35 anos) tendem a altear nos dois tipos de estrutura silábica complexa, ou seja, travada por nasal (0.66- c[u]nsultoria, c[u]nfusão) e por sibilante (0.68 - m[u]squito, m[u]starda), sendo possível inferir que o alteamento seja, no caso de travamento nasal¹⁹, inovador na fala carioca, e

ii) o fenômeno está em variação estável, no contexto de sílaba travada por sibilante, visto que os pesos relativos indicam maior probabilidade de uso nas duas faixas etárias extremas: 25 a 35 anos e 56 anos em

¹⁸ Sobre isso, ler Oliveira, M. A. A controvérsia neogramática reconsiderada. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 89, pp. 93-105, 1991. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagetdb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121017140131.pdf>.

¹⁹ As pesquisas de Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019) revelam que os índices de alteamento pretônico em sílaba travada por sibilante são sempre elevados, revelando ser este o contexto propício ao fenômeno.

diante. De fato, a variante alteada [u] é pouco frequente na fala do Rio de Janeiro (14/42 – 33,3%: iug[u]slavos, ac[u]stumados, c[u]stura, ap[u]stila, h[u]spital) e seu uso tende a ser mais notado pelos usuários da língua. Logo, pode haver uma maior pressão social sobre a faixa etária intermediária, mais ativa no mercado de trabalho.

Analisa-se abaixo os resultados da pesquisa de Avelheda Bandeira (2019), cujo *corpus* se constitui por dezoito inquéritos de informantes naturais de Copacabana coletados em 2012, distribuídos por sexo (homens e mulheres), três faixas etárias (18 a 35; 36 a 55; 56 a 75) e graus de escolaridade: fundamental, médio e superior:

Quadro 03 - Variáveis sociais - vogal anterior.

Variáveis sociais	Sílabas livres		Sílabas travadas por nasal		Sílabas travadas por sibilante	
	Oco/Total	%	Oco/Total	%	Oco/Total	%
		408/2980	13,69	181/528	34,28	320/446
Escolaridade	Fundamental (P.R.: 0.642)		-		-	
Faixa etária	+ 56 anos (P.R.: 0.575)		-		25-35 anos faixa (P.R.: 0.562) + 56 anos (P.R.: 0.553)	

(Fonte: Avelheda Bandeira, 2019)

Os resultados probabilísticos para a vogal pretônica anterior /e/ permitem postular que:

i) em sílabas livres, o alteamento tende a ocorrer entre falantes de faixa etária mais alta (acima de 56 anos) com nível fundamental (0.642), o que permite inferir ser um fenômeno conservador que pode ter seu uso inibido por influência da escolarização, e

ii) em contexto de sílabas travadas por sibilante, o alteamento encontra-se em variação estável, por sua probabilidade de uso concentrar-se na 1ª. e 3ª. faixas etárias. Pode-se supor que, na faixa etária intermediária, haja uma pressão social relativamente ao uso da variante média [e].

Quadro 04 - Variáveis sociais – vogal posterior.

Variáveis sociais	Sílabas livres		Sílabas travadas por nasal		Sílabas travadas por sibilante	
	Oco/Total	%	Oco/Total	%	Oco/Total	%
	430/1900	22,63	87/558	15,59	14/85	16,28
Escolaridade	Fundamental (p. r. 0.557)		-		-	
Faixa etária	+ 56 anos (P.R.: 0.587)		+ de 56 anos(P.R.: 0.664)		-	
Sexo	Feminino (P.R.: 0.543)		Masculino (P.R.: 0.585)		-	

(Fonte: Avelheda Bandeira, 2019).

Nas ocorrências de vogal posterior /o/ em sílaba pretônica, os resultados apresentados mostram que o alteamento de vogal pretônica em:

- i) sílaba livre tende a ocorrer entre mulheres (0.543) mais velhas (acima de 56 anos) e de baixa escolaridade (fundamental, 0.557), podendo-se inferir a atuação da escola na tendência de uso da vogal média [o], e
- ii) sílaba travada por nasal tende a ocorrer entre homens pertencentes à 3ª. faixa etária (0.664), tratando-se, pois, de um fenômeno conservador.

Nota-se, portanto, que os resultados de ambos os trabalhos se assemelham, visto que, no que tange à vogal anterior em sílaba livre, o alteamento se revela um fenômeno conservador e tende a não ocorrer em sílaba travada por nasal.

As diferenças, no entanto, revelam, em síntese, a tendência à implementação da vogal média [e] e [o] em qualquer tipo silábico, visto que a amostra utilizada por Souza (2017) se constitui por dados de três décadas distintas (1970, 1990 e 2010), ao passo que a de Avelheda Bandeira (2019) integra dados da década de 2010. É possível que o predomínio de dados das décadas de 70 e 90 em comparação aos dados de 2010 revele uma mudança no comportamento das vogais pretônicas²⁰, conforme os resultados indicam:

²⁰ Nos estudos sobre variação e mudança linguística (Labov, 2001a [1994]), postula-se que uma mudança

i) em Souza (2017), a vogal pretônica anterior /e/ em sílaba livre apresenta tendência de uso da variante [i] entre as mulheres da faixa etária mais alta. Também em Avelheda Bandeira (2019), essa tendência se mantém entre os mais velhos, mas isso independe do sexo do informante, uma vez que a variável sexo não foi selecionada;

ii) em Souza (2017), a pretônica anterior /e/ em sílaba travada por sibilante tem tendência de realização pela variante alta [i] entre as mulheres; no entanto, em Avelheda Bandeira (2019), o alteamento não é fenômeno condicionado pelo sexo do informante, mas está em variação estável, ou seja, mostra tendência de atuação nas faixas etárias extremas, evidenciando uma possível pressão social para o uso da variante média [e] e, conseqüentemente, uma avaliação negativa de seu usuário;

iii) em relação à pretônica posterior em sílaba livre, os dados de Avelheda Bandeira revelam uma tendência da variante alteada entre as mulheres de idade mais avançada e baixa escolarização. Cabe lembrar que o corpus de Souza (2017) se compõe apenas de falantes de nível superior completo, não sendo possível, pois, comparação.

iv) em Souza (2017), a vogal posterior travada por nasal tende a ocorrer com alteamento entre falantes mais novos, enquanto em Avelheda Bandeira (2019) esse alteamento se manifesta entre os mais velhos. Essa mudança na faixa etária talvez represente uma mudança do comportamento do fenômeno na comunidade: os resultados de Souza (2017) revelam o comportamento do alteamento nas décadas de 1970 e 1990, ao passo que os de Avelheda Bandeira (2019), o comportamento do fenômeno na década de 2010, ou seja, essa diferença pode indiciar uma mudança em processo (ou que se processou) ao longo de 30 anos;

iv) em Souza (2017), o alteamento em pretônica posterior travada por sibilante apresenta-se em variação estável, tendo em vista a tendência de uso entre os mais novos e os mais velhos. Diferentemente, em Avelheda Bandeira (2019), os resultados evidenciam a manutenção da vogal média [o], uma vez que a variável faixa etária sequer condicionou o alteamento.

linguística pode se processar num espaço de 20 anos. Em função disso, estabeleceu-se que a variável faixa etária intentaria observar um contínuo que abarcasse um período maior e igual a 20 anos: 25-35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante.

Em relação à avaliação subjetiva a partir dos fatores condicionantes, os resultados permitem inferir, de um modo geral, que o alteamento é um fenômeno tendendo ao desuso, visto que seu predomínio está na fala dos mais velhos com menor grau de escolarização. Nesse sentido, pode-se também entender que o alteamento está socialmente estratificado, visto que os indivíduos de menor escolarização tendem a pertencer às classes menos favorecidas. Além disso, a tendência ao alteamento nas faixas extremas (no caso da pretônica anterior e posterior travadas por sibilante) leva a postular uma possível pressão social sobre os falantes da faixa intermediária (36 a 45 anos), ainda no mercado de trabalho.

Seguem abaixo os resultados dos testes de avaliação subjetiva observados nos trabalhos das autoras.

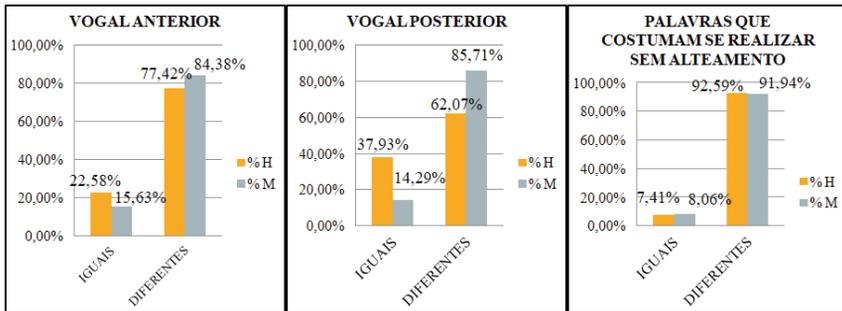
4.2 Avaliação Subjetiva: Testes de Atitude

Os métodos utilizados nas pesquisas de Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019) intentam averiguar a *reação subjetiva* inconsciente do falante. Mais do que isso, busca-se testar “um axioma geral da estrutura sociolinguística”, segundo o qual “o correlato da estratificação regular de uma variável sociolinguística no comportamento é a concordância uniforme em reações subjetivas a essa variável” (Labov, 2008 [1972], p. 288). Em outras palavras, os testes formulados visam a observar refinadamente os julgamentos encobertos pelo uso de variantes que estão, em princípio, abaixo do nível de consciência do falante. Ainda, pretende-se mostrar que as categorias *marcadores*, *indicadores* e *estereótipos* propostas por Labov (2001a [1994]: 196) não são necessariamente estanques, mas podem ser fluidas, a depender de determinados fatores.

A figura 1 apresenta os resultados dos testes de percepção realizados por Souza (2017) e Avelheda Bandeira (2019), que objetivaram verificar se os avaliadores – quer do sexo feminino quer do masculino – identificavam ou não o alteamento pretônico nas falas dos áudios. Os avaliadores ouviram pares de áudios, cujos falantes realizaram palavras com vogais pretônicas alteadas e não alteadas (Cf. item 3). Caso houvesse identificação da variante alteada, significaria que o fenômeno não está abaixo do nível de consciência

do falante; se não houvesse identificação, o alteamento estaria abaixo do nível de consciência. A pergunta aos avaliadores foi: “Para você, os áudios 1 e 2 são iguais ou diferentes? Se são diferentes, em quê?”

Figura 01 - Percepção do Alteamento por Homens (H) e Mulheres (M): Vogal Anterior e Posterior



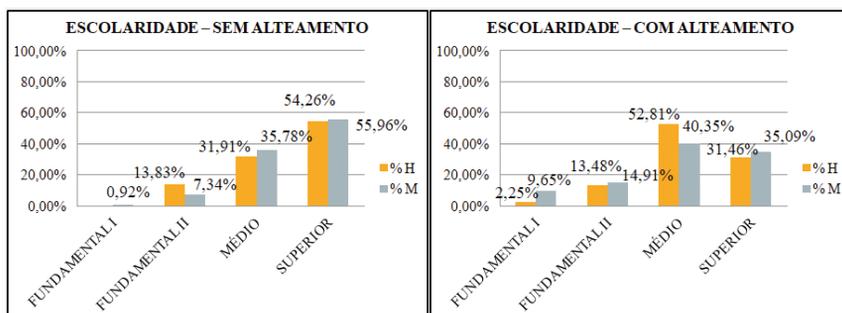
(Fonte: Souza, 2017; Avelheda Bandeira, 2019)

De acordo com as respostas dos avaliadores e conforme ilustrado na Figura 01, o alteamento não está abaixo do grau de consciência dos falantes de língua portuguesa, como outrora se pensava, uma vez que homens e mulheres identificaram diferenças entre os áudios, cujos falantes ora utilizaram a pretônica média [e o] ora a pretônica alteada [i u]. Note-se sobretudo que as mulheres foram mais sensíveis à percepção do alteamento (vogal anterior: 84,38%; vogal posterior: 85,71%) do que os homens (vogal anterior: 77,42%; vogal posterior: 67,07%) na maioria dos contextos. No caso de palavras cujo alteamento é infrequente (*t[i]cido ~ t[e]cido*, *acad[i]mia ~ academia*, *p[u]stura ~ postura*), há uma pequena diferença de percepção em favor dos homens (92,59% contra 91,94%), ressaltando-se que indivíduos de ambos os sexos estranham a realização da variante alta [i u] nessas palavras.

Na Figura 2, objetivou-se mostrar qual grau de escolaridade o avaliador atribuiria aos falantes dos áudios. A pergunta foi: “Se você tivesse que atribuir um grau de escolaridade à pessoa que produziu esse áudio, diria que ela cursou que ano escolar?” A hipótese subjacente é: se o avaliador atribuir

grau baixo de escolaridade ao usuário da variante alteada, manifestará um valor negativo sobre ele, revelando julgamento social.

Figura 02 - Grau de Escolaridade e variantes pretônicas.

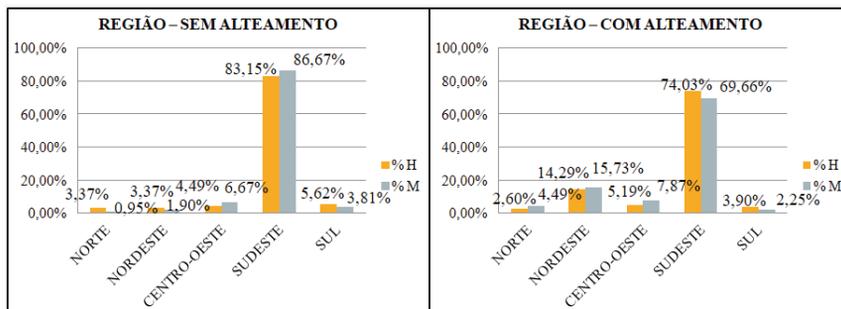


(Fonte: Souza, 2017; Avelheda Bandeira, 2019)

Na concepção dos respondentes que participaram da pesquisa, indivíduos que utilizam com maior frequência as variantes médias [e o] são considerados mais escolarizados, como se pode observar pelos percentuais relativos ao nível superior tanto pelos respondentes homens (H - 54,26%) quanto mulheres (M - 55,96%). Em se tratando das variantes altas [i u], os maiores percentuais estão relacionados ao ensino médio (homens – 52,81%; mulheres – 40,35%). De um modo geral, os resultados acima corroboram os observados na análise dos fatores condicionantes, em que o alteamento se mostra mais provável entre falantes menos escolarizados.

Os resultados indicados na Figura 3 espelham a relação entre as variantes e a origem do falante. A pergunta foi: “Se você acha que o falante do primeiro/segundo áudio tem nacionalidade brasileira, em que região acredita que ele nasceu?”. Parte-se da hipótese de que a escolha do Nordeste seria indício de estigmatização, visto que a fala dessa região costuma ser associada à baixa escolaridade e classe social.

Figura 03 - Região de Origem por Sexo e por Realização Pretônica.



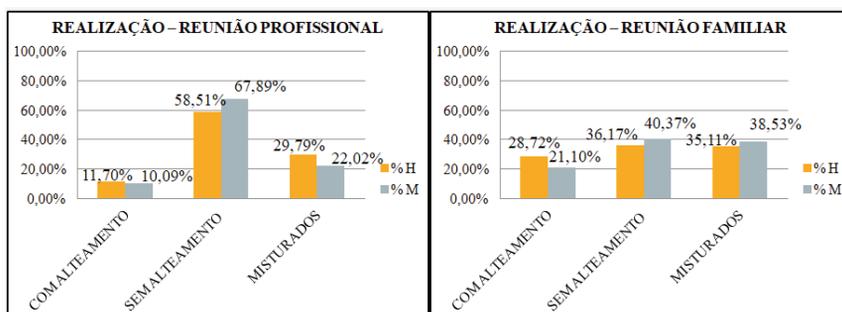
(Fonte: Souza, 2017; Avelheda Bandeira, 2019)

No que diz respeito à região de origem do falante que produz o alteamento pretônico, os resultados mostram que o uso das variantes alteadas [i u] é mais frequentemente relacionado a indivíduos da Região Nordeste (homens – 74,03%; mulheres – 69,66%), ao passo que o uso das variantes médias [e o] está relacionado a falantes da Região Sudeste (homens – 83,15%; mulheres – 86,67%). Assim, observam-se preconceitos socialmente estabelecidos, uma vez que a Região Nordeste é frequentemente representada de forma estereotipada, enquanto a Região Sudeste “costuma ser eleita como a fala [...] considerada mais correta” (Souza, 2017: 185):

Por uma ou outra razão, a escolha de um falar local padrão sempre girou em torno de três centros urbanos, a saber, a cidade do Rio de Janeiro, a de São Paulo, a de Salvador. A preferência recaiu na cidade do Rio de Janeiro e se deveu, prioritariamente, a razões extralinguísticas: o fato de o Rio de Janeiro estar geograficamente no centro de uma polaridade norte/sul, ser centro político há mais tempo, capital da Colônia desde 1763, e ser uma área cuja linguagem culta tende a apresentar menor número de marcas locais e regionais, com uma tendência universalista, dentro do país (Leite; Callou, 2002: 9 - 10).

O teste cujos resultados são apresentados na Figura 4 buscou verificar se o uso de uma ou outra variante estaria associado à situação comunicativa, ou seja, se apresenta variação estilística. A pergunta foi: “Se você estivesse em uma reunião de emprego/reunião familiar, você acha que sua fala seria igual à de qual dos áudios apresentados?”. A hipótese é: a variante alteada estaria relacionada ao contexto familiar e, portanto, a um uso menos formal e menos monitorado, ao passo que a variante não alteada estaria associada ao contexto de trabalho e, logo, a um uso mais formal e mais monitorado.

Figura 04 - Variação estilística das variantes pretônicas.



(Fonte: Souza, 2017; Avelheda Bandeira, 2019)

Os resultados demonstram que a escolha da realização pretônica por parte dos respondentes está associada à variação estilística. Observa-se que o uso da variante média [e o] está claramente relacionado à situação de maior grau de formalidade e de monitoramento: reunião profissional. Diferentemente, o uso da variante alta [i u] liga-se à situação de menor grau de formalidade e monitoramento: reunião familiar.

As respostas indicaram que os respondentes realizariam com maior frequência o alteamento pretônico, quando se tratava de um contexto informal – aqui, o de uma reunião familiar (homens – 28,72%; mulheres – 21,10%). Nota-se que, mesmo em situação informal, os respondentes afirmaram que utilizariam a variante média (homens – 36,17%; mulheres – 40,37%), mostrando uma resistência ao alteamento.

Contrariamente, quando se tratava de um contexto formal, como uma

reunião profissional, os respondentes declararam que dariam preferência à variante média para realização da vogal pretônica (homens – 58,51%; mulheres – 67,89%). Quando os respondentes disseram que usariam tanto a variante média quanto a alta, os resultados revelam que se mostram refratários ao uso da variante alta, não importando o grau de monitoramento da situação comunicativa: [+ formal] reunião profissional: homens – 29,79%, mulheres – 22,02%; [-formal] reunião familiar: homens: 35,11%, mulheres – 38,53%.

A partir dos resultados do teste que mede a variação estilística no uso das variantes pretônicas, fica evidente que o fenômeno é regulado por grau de monitoramento e situação comunicativa. Trata-se, pois, de mais um elemento que possibilita afirmar que o alteamento é objeto de avaliação social pelos usuários da língua.

Por fim, chega-se aos resultados relativos aos testes de *reação subjetiva*, que visam a que os respondentes avaliem as características referentes à competência (*inteligência*), à integridade pessoal (*honestidade*) e à atratividade social (*confiabilidade*) do falante, a partir dos áudios.

Os testes de reação subjetiva visam a evidenciar, por um método indireto, as avaliações subjetivas encobertas pelo uso da variante alta [i u] que, como visto no teste de percepção, não está abaixo do nível de consciência do falante. Com esse intuito, os respondentes assinalavam graus de concordância com as afirmativas, após ouvir os áudios, cujos trechos apresentam as pretônicas /e o/ alteadas [i u]. Os resultados estão sintetizados no Quadro 5 abaixo.

Em relação ao teste de *reação subjetiva*, observou-se que os respondentes fizeram avaliações negativas relativamente à *competência* e à *atratividade social* do falante, no entanto, avaliando positivamente o falante quanto à *integridade pessoal*.

Desse modo, a usuária da variante alta tem sua competência avaliada pelas expressões: *atrasada, de má condição financeira, não criativa, não se expressa bem, não tem nível superior, subalterna* e *vítima de preconceito*. Quanto à atratividade social, a usuária da variante alta é considerada *não divertida, alguém com quem não se casaria* e *não seria boa namorada, além de velha*.

Chama a atenção o fato de que os homens avaliaram mais negativamente

do que as mulheres. No que tange à *competência*, foram 07 avaliações negativas dos homens contra 04, das mulheres. Em relação à *atratividade social*, foram 04 avaliações negativas dos homens contra apenas 02 das mulheres.

Quadro 05 - Resultados do Teste de Reação Subjetiva

	HOMENS		MULHERES	
	POSITIVO	NEGATIVO	POSITIVO	NEGATIVO
COMPETÊNCIA	Competente Cuidadosa Estudada Fala corretamente Intellectual Inteligente Segura Trabalhadora	Atrasada Má Condição Financeira Não é Criativa Não se expressa bem Não tem Nível Superior Subalterna Vítima de Preconceito	Boa Condição Financeira Criativa Cuidadosa Estudada Expressa-se bem Intellectual Inteligente Não é Atrasada Segura Trabalhadora Competente	Má Condição Financeira Não fala corretamente Subalterna Vítima de Preconceito
INTEGRIDADE PESSOAL	Compreensiva Confiável Cuidadosa Não é Autoritária Não é Enganadora Respeitosa Responsável Solicita		Compreensiva Confiável Cuidadosa Não é Autoritária Não é Enganadora Respeitosa Responsável Solicita	
ATRATIVIDADE SOCIAL	Amigável Bonita Jovem Não é Exibida Não é Grosseira Não é Tímida Simpática	Não é Divertida Não se Casaria Não seria Boa Namorada Velha	Amigável Boa Namorada Bonita Casaria Divertida Jovem Não é Exibida Não é Grosseira Não é Tímida Simpática	Não é Divertida Velha

(Fonte: Souza, 2017; Avelheda Bandeira, 2019)

Os resultados acima indicam que o fenômeno do alteamento vocálico é passível de estigma, dadas as avaliações negativas ao usuário da variante alta. Claramente está-se diante do fenômeno do prestígio encoberto (Labov, 1972), segundo o qual as variantes de um fenômeno linguístico estão associadas à identidade social do informante, ao pertencimento ou não a uma determinada classe social ou mesmo a uma comunidade de fala.

Nesse sentido, o comportamento de homens e mulheres em relação ao alteamento pretônico é divergente, uma vez que aqueles atribuíram um maior desprestígio ao indivíduo usuário da variante alteada. Embora as mulheres tenham se mostrado mais sensíveis à percepção do alteamento, os homens avaliaram mais negativamente o fenômeno. Tal constatação se comprova pelos resultados relativos aos critérios *grau de escolaridade*, *região*

de origem, situação comunicativa ou grau de formalidade, demonstrando, ainda, forte reação subjetiva negativa em relação à competência e à atratividade social do indivíduo.

5. Em conclusão ou revisitando as categorias de Labov (2001)

Diante dos resultados comparativos dos condicionamentos sociais e dos testes de avaliação subjetiva, é possível discutir as categorias propostas por Labov (2001, p. 196), segundo o qual os fenômenos linguísticos são classificados como (i) indicadores, se “parecem ter pouca força avaliativa”, isto é, se se encontram abaixo do nível de consciência do informante, se são “estratificados por faixa etária, região e classe social” e se são “difíceis de serem detectados”; (ii) marcadores, se “adquirem reconhecimento social, normalmente em forma de estigma, o que se reflete em forte estratificação social, em uma íngreme curva de alternância estilística e em respostas negativas a testes de reações subjetivas”; ou (iii) estereótipos, se são fenômenos linguísticos cujas formas são “socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade”, se “se tornam tópico de comentários abertos, com um rótulo descritivo que pode ser tão distinto da produção factual que os falantes não percebem que eles mesmos empregam a forma”.

Do ponto de vista dos fatores condicionantes, observa-se que a ocorrência de alteamento pretônico é estratificada por idade, sendo mais recorrente entre falantes mais idosos, e por classe social, sendo mais recorrente entre informantes menos escolarizados, enquadrando o fenômeno como um *indicador*. No entanto, os resultados da avaliação subjetiva indicam que o fenômeno não se encontra abaixo do nível de consciência do informante, ou seja, tem força avaliativa. Além do mais, há alternância estilística, com a vogal alteada preferida em contextos de menor formalidade. Os testes de reação subjetiva revelam avaliações negativas, sendo o alteamento relacionado à menor condição financeira, a uma posição subalterna em contratos profissionais, a idades mais avançadas e a um preconceito social pela maneira como se fala. Portanto, pode ser considerado um *marcador*. Ressalte-se, ainda, que há casos de alteamento que podem chegar mesmo a constituir um *estereótipo*: *cat[i]g[u]ria*, *acad[i]mia*, *d[u]cumentos*, *pr[u]*

fissional, ocorrências que não são comumente registradas na fala carioca e que causam estranhamento aos respondentes.

Assim sendo, cumpre rever essa classificação estanque de categorias analíticas e reconhecer que há um *continuum* entre elas, havendo membros mais prototípicos ou exemplares, mas membros que se localizam em um limiar dessas categorias, mais periféricos. É o que se entende que acontece com o alteamento pretônico, que se localizaria, segundo essa nova abordagem, em um limiar entre *indicadores*, o que se justifica por apresentar estratificação por idade, por região e por classe social, e *marcadores*, o que se justifica por despertar consciência social e por ser detectado inclusive por leigos. Essa localização mais periférica poderia ser atribuída, principalmente, a questões de natureza linguística, uma vez que se trata de palavras cuja realização alteada da vogal pretônica desperta certa estranheza aos ouvintes, podendo o alteamento ser tão pouco usual na fala carioca que leva à estigmatização social do indivíduo, enquadrando, nesse caso, como um *estereótipo*.

REFERÊNCIAS:

- Avelheda, A. C. da C.; Batista da Silveira, E. F. 2011a. Vogais médias pretônicas: uma análise pancrônica. In: *VII Congresso Internacional da ABRALIN*, 2011, Curitiba. VII Congresso Internacional da ABRALIN, v. 1. p. 465-479.
- Avelheda, A. C. da C.; Batista da Silveira,, E. F. 2011b. Alteamento das vogais médias pretônicas nas cidades de São Fidélis e Rio de Janeiro: uma análise comparativa. In: *VII Congresso Internacional da ABRALIN*, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN, v. 1, p. 450-464.
- Avelheda, A. C. da C.; Batista da Silveira,, E. F.; Souza, S. C. G. 2017. Avaliação do Uso Variável das Pretônicas: Estudos Preliminares de Crenças e Atitudes. *Letrônica*, v. 10, n. 1, janeiro-junho. Disponível em: <www. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24929/16334>> .
- Avelheda Bandeira, A. C. da C. 2019. *Alteamento Pretônico no Município do Rio de Janeiro: Avaliação Subjetiva e Fatores Condicionantes*. 286 p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ/FL.

- Bisol, L. 1981. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 332 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Botassini, J. O. M. 2012. Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica. In: Altino, F. (org). *Múltiplos olhares sobre a Diversidade Linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: MidioGraf.
- Callou, Dinah & Leite, Yonne. 1999. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Chambers, J. K. & Trudgill, P. 1980. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Eckert, P. 2012. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. In: *Annual Review of Anthropology*. Vol. 41: 87-100 (Volume publication date October 2012). First published online as a Review in Advance on June 28. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>
- Guy, G. R. & Zilles, 2007. A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Contexto.
- Labov, William. 1972. *Language in the inner city: studies in the Black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, W. 1981. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: Sankoff, David & Cedergren, Henrietta (Ed.). *Variation Omnibus*. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research. p.177-199.
- Labov, W. 2001a [1994]. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Vol. 1. Blackwell Publishers.
- Labov, W. 2001b [1994]. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Vol. 2. Blackwell Publishers.
- Labov, W. 2008 [1972]. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre & Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial.
- Lambert, W. E. 1972. Evaluational Reactions to Spoken Languages; A Social Psychology of Bilingualism. In: Dil, A. S. (Org.). *Language, Psychology and Culture: Essays by Wallace E. Lambert*. California: Stanford University Press.
- Machado Vieira, M. dos S. & Esteves, G. A. T. 2009. Metodologia de avaliação subjetiva de usos linguísticos em variação. In: Lopes, C. & Reich, U. *Romania. Variação Linguística em Megalópoles Latino-Americanas*, 39: 237-266.
- Oliveira, M. A. 1991. A controvérsia neogramática reconsiderada. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 89, pp. 93-105. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121017140131.pdf>.

- Oushiro, L. 2016. *Curso Introdução ao Rbrul e análises de natureza sociolinguística variacionista*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.
- Roncarati, C. 2008. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF* – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário, no. 36, p. 45-56, 1. sem.
- Viegas, M. do C. 1987. *Alçamento de vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 231 p.
- Souza, S. C. G. 2017. *Alteamento das vogais médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: Décadas 70, 90 e 2010 / Estudo de Crenças e Atitudes*. 247 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ/FL.
- Weinreich, U., Labov, W. & Herzog, M. I. 2006 [1968]. *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.

(Observação)

P.R. = Peso relativo é o desvio da média ponderada que tem por objetivo equilibrar os percentuais, indicando a tendência ou não à ocorrência de um fenômeno linguístico. A média ponderada é 0.50. Um fenômeno tende a ocorrer quanto mais próximo de 1,0 for esse valor (Cf. Guy & Zilles, 2007, p. 86-87).